

# CANTANDO A TERRA MATO-GROSSENSE

*Lélia Rita E. de Figueiredo Ribeiro*

## CANTO I - INTRÓITO

### Intróito

Canto aqueles heróicos navegantes  
Construtores do mundo moderno  
Do rochedo Ibérico celebrados  
Ao ultramar jamais conquistado  
Timão firme em ondas revoltas  
À força da fé d'airosa Armada  
Abriram vias de humanidade e luz  
Novo reino na terra de Santa Cruz

De coragem marmórea - os nautas  
Descobridores lusitanos  
Âncoras da história gloriosa  
De Cristo domínios levantando  
Terras matas rios devassaram  
Com grande gênio e segurança  
Para os incrédulos revelando  
Vivo mundo cheio de esperança

Expandir a nova terra - Brasil amado  
Que Pedr'Álvares Cabral descobrira  
E Vasco da Gama o mar abriu  
Entre disputas e Tratados foram  
Os marcos do poder com ferro cravados  
De norte ao sul de leste ao oeste infindo  
Onde o sol se põe no ardente chão  
Já se alevantara o céu ferindo

Canto ao fiel e tenaz bandeirante  
De passado futuroso e fero  
Pela edificação e conquista  
Do santuário interior valoroso  
De céu luzente paragem pura  
Ásperos caminhos do mar distante  
Virgem sertão bravo e aurífero  
Quão prenhe de formosura  
Espalharei por todos os quadrantes  
Da terra mato-grossense - a memória  
Homens e mulheres suas lutas  
Seus árduos labores e glória  
Estendendo suas vidas com amor

E inusitada paixão pela terra  
Sacudiram-na c'os ventos bramindo  
Furor santo de vê-la sempre bela

A Euterpe Deusa da Música e do Olimpo  
Musa altaneira que eufemisa co' a lira a dor  
Vicissitudes cansaços e enganos do mundo  
Ajuda-me a cantar mesmo chorando  
D'alma os mistérios e alegrias  
Herança sem preço que a chama acende  
E faz vibrar o silêncio infinito  
Sob o negrume do oceano profundo

Canto às Tágides na Torre de esplendor  
De Belém em Camões puseram  
Sagrada fama aos versos da conquista ousada  
Que deixem passar o báculo canoro  
Às ninfas das águas que aqui ordenam  
Fazendo moer neste rústico engenho  
Reverência à arte da celebrina mente  
E do sertão o heróico desbravador

Navegando neste barco sigo cantando  
Do Paraná ao Paraguai Miranda ao Cuiabá

Anhanduí Pardo ao Coxim Formoso e  
Taquari  
Do Tietê ao Guaporé Aquidauana e Piquiri  
Mesopotâmias de excelsas águas e cor  
Morada do sol do selvícola amigo  
D'ouro das vertentes flora fauna e gentes  
A este peito aberto emprestem valor

## CANTO - II - A DESCOBERTA

### 1. Homens ao Mar

Içando âncoras ao velho e honrado Tejo  
Velas postas ao vento brando e seguro  
Ferindo o azul do céu como gaivotas reais  
Partiram as naus com destino às Índias  
No fiel da bússola o lume da esperança  
Lançaram-se os homens ao mar sem  
tardança  
Sob a égide de D. Manuel - o Venturoso  
E de D. Henrique de Sagres o lendário  
Infante

Escusado mencionar os pretextos  
De se meterem Caravelas n'água  
Posto que o achamento da Nova Terra  
Das gerações lusas é a glória  
Que jaz a sombra da memória  
De Cabral e seus companheiros  
Que os séculos vão iluminando  
Enquanto as idéias vão se apagando

Álvares Cabral - Senhor de Belmonte  
Dessa aldeia lusa filho ilustre  
Alcaide-Mor de Azurara nobre gente  
Com ele soberana e forte  
Por aumentar a terra mais que antes  
Levando as nave e seus mandados  
Entre calmarias e tempestades  
A um porto seguro e salvos

São Pedro e Anunciada barcos da esquadra  
chefeidos pelos lemes afamados de  
Nicolau Coelho Vasco d'Ataíde e outros  
Célebres pilotos Bartolomeu Dias  
Aires Correia Sancho de Tovar e Miranda  
Enfrentaram aventuras audaciosas  
N'alma a crença de um Adamastor<sup>1</sup>  
Gigante dos mares sem temor

## CANTO - II - A DESCOBERTA

### 2. Terra à Vista

Terra à vista! Terra à vista!  
Vinte dois de abril de 1500  
Eis a Boa Nova anunciada: Um grande  
monte!...  
Ao qual o Capitão chamou Pascoal  
Outras serras mais baixias ao sul  
Terra chã com imensos arvoredos  
Vera Cruz! Vera Cruz! carismático chamou  
Donde lançar prumo e âncora mandou

Nas ondas do negro mar Vasco d'Ataíde  
Desaparecera para nunca mais  
O Capitão fez diligências em vão  
Tristes e alegres da terra viram sinais  
Aves ervas compridas boiando mar adentro  
"Ali ficamos toda aquela noite"...  
Na cabeça exultante a vitória  
Corpo trêmulo batido pelo vento

Nicolau Coelho a mando do Capitão  
Pisa solo firme por primeiro  
A ver o estuário do rio ali desembocando  
Viram homens que andavam pela praia  
Homens rijos ao batel aportando  
Com arco e flecha "vergonhas à mostra"  
Nicolau fez sinal que os arcos depusessem  
- A seus pés os depuseram

A Terra em si - meu Rei e Senhor  
"É de muitos bons ares assim temperados"  
Como os do Douro e Minho em abril o são  
Cheia de arvoredos chã e graciosa  
E a estender os olhos se vêem  
Terras e árvores a perder de vista  
E querendo-a fecundar dar-se-á nela  
Tudo quanto se quiser lançar ...

O homem que cá está a resistir  
"É a principal semente a salvar"  
O melhor fruto nela a produzir  
Fazer o que V.Alteza tanto quer  
Nestes mancebos de ânimo valente  
Bem afigurados porém moucos de saber  
Pondo-lhes em sua barbarie o entendimento  
"O acrescentamento de nossa Santa Fé"

## CANTO II - A DESCOBERTA

### 3. Os Homens da Praia

Na maré cheia desta jornada vencida  
Surgem na praia os homens destes Brasis  
Mancebos de bons corpos e faces  
Esbeltos como esculturas o são  
Cabelos tosquiados corredios  
Tosquia alta redonda além das tēmporas  
Do poder e da nobreza do varão  
Cocar de penas para distinção

Vestidos apenas de água e espuma  
Afáveis dóceis quase inocentes  
Puros como areia pelas ondas batida  
Onde se poderia escrever um poema  
Dúvidas dominam de parte a parte  
Cobiçam ao colar d'ouro do Capitão  
A fazer o navegador se interessar  
Acenam para a terra e para o colar

A dois deles deram - lhes de comer  
Pão e pescado mel e figos passados  
Não quiseram daquilo quase nada  
Também o vinho lançaram-no fora  
Umhas contas de Rosário viram  
Fizeram-se entender que lh'as dessem  
À maneira de levá-las e ao colar  
Não o podendo - na alcatifa dormiram...

Que perturbante abismo o desconhecido  
Conhecer e não conhecer o homem amigo  
Que homem sou eu ? que homem é ele?  
Homens da praia Índios chamados  
Pairam nas mentes perguntas delirantes  
O homem da praia de beijos furados  
Selvático e cortês amigo ou inimigo ?  
Que pensariam dos brancos chegantes?

## CANTO - II - A DESCOBERTA DO BRASIL

### 4. Primeira Missa e Posse da Terra

Domingo de Pascoela sob o azul do céu  
Ao canto dos pássaros nas palmáceas  
O verde das matas pintando o mar  
Mandou o Capitão erguer soberbo altar  
Para ouvir e louvar ao Senhor Deus  
À Missa que Frei Henrique celebrou  
Unindo o selvagem e o conquistador  
Da terra firme posse segura tomou

Sob o olhar perplexo do gentil nativo  
Os homens do mar de joelhos postados  
A cruz beijaram e a paz se deram  
Em preito de alegria ao gentio a entregavam  
Bandos de papagaios e araras ali vieram  
Com ruidosos sons nos céus os saudavam  
Vegetação exuberante pelos rochedos protegida  
Do desértico interior assinalavam

Ao movimento das naus da esquadra  
Agora eram doze - uma perdida  
Mais de mil homens convictos de fé ardente  
Graças ao Senhor renderam contentes  
E o vento soprando ligeiro batia  
No casco das naus em ondas se erguia  
Como espuma bravia do mar saudando

O dever dos nautas vitória acendida

Os reflexos lentos e contínuos das águas  
Aos homens terra adentro remetiam  
Olhando as trilhas que iam fundo nas matas  
O rumo dos montes e rios seguindo  
Ao sonho de conquista puseram certo atalho  
Às sombras com calor desfazendo  
O frio da manhã em doce orvalho  
Beberagem que aos deuses festejando iam...

## CANTO III - O INTERIOR

### 1. O Caminho: Lendário Peabiru

- Peabiru!... Peabiru!... - Que é isto !?  
Que trabalho insano ! Quem o fez !?  
O índio calmo respondia : Peabiru...  
Peabiru: Caminho aberto trilha do sem fim  
São Thomé - o mítico Apóstolo  
Pelo nativo chamado Zamé ou Pay Sumé -  
Engenheiro - obra divina construíra  
Pregador - sua palavra fora de fé !

Galgando os portugueses a Serra do Mar  
Em São Vicente - 1501 - já o encontraram  
Longo lendário selvático Caminho  
Eitão de oito palmos de largura  
De pedras calçado definido transitado  
Desfiado como raios de luz do alvorecer  
Sobre o mapa das Américas mergulhado  
Sistema Viário - ou obra do divino Ser?

O nativo despreocupado ia e vinha  
Pelas matas as veredas trilhando  
O rumo pelos galhos das árvores marcando  
A buscar o alimento da sobrevivência  
À espera de um novo mensageiro  
Que viesse para o reconquistar  
Descobrir nele o homem primeiro  
A terra inteira capaz de dominar

Um fio infindo branco de praia  
Molhado pelo Mar ilhado pela Serra  
Eis o fôro e a prova do achamento  
Daqueles que por isto tanto se afamaram  
Penetrar o imponderável interior  
Cativar o selvagem - catequizá-lo !  
Idéias de conquista e glórias  
Rondavam as pegadas da praia virgem

## CANTO III - 2. A Rota do Peabiru - Unidade Ameríndia

Lusos e hispânicos com pés de milagre  
Do lendário Peabiru houveram vista  
Penetrando-o em busca do mistério  
Do interior a vontade de conquista  
Acelerando o calor da vitória  
Peabiru - obrigatório se estendia  
Ao poente do Paraná e prosseguia  
Atingindo dos Incas o grande Império

Desde então a grande rota se definira  
De São Vicente Upanema Morpion  
Ou Tumiaru - o Porto assim também  
chamado  
Passando pela Fazenda de Botucatu  
A São Miguel no Paranapanema descendo  
Costuravam este rio pela esquerda  
Santos Xavier e Inácio tocando e do Paraná  
Ao Ivinhema até as nascenças deste subiam

Dai pé por pé terra mato-grossense  
cruzando  
Infinda Vacaria de pastagem verde  
brilhante  
Ao poente sempre com a luz de guia distante  
O rumo do sol e da fartura grande abrindo  
Às cabeceiras do formoso Igarai hoje Apa  
De novo fluviais em canoas seguiam fundo  
Do fabuloso Paraguai no remanso caindo  
Além o Império e outro Mar mais  
profundo...

Perlustraram - no homens de ousado valor  
Aventurando-se nas sendas da ignota  
solidão  
A si próprios perguntavam com rara  
percepção:  
Pra que tanta estrada se não havia  
transportador?  
O que levara Pay Sumé tamanha obra  
construir?  
Unidade fé força divina ou de conquistar?  
O responso vinha a bailar depois de refletir:  
Fora a rota interior entre o Mar e outro  
Mar!!!...

### CANTO III : O INTERIOR

#### 3. Perlustrando a Terra Mato-grossense

Quiseram os deuses do Olimpo  
Que Aleixo Garcia com suas passadas  
Fosse o primeiro a descerrar o véu  
Das terras d'oeste tão sonhadas  
Pela rota do Peabiru c'os ventos rugindo

Trovões ferros ecoando no céu  
D'água salgada do ocidente caindo  
N'água doce do Paraná Grande seguindo

Da beira do mar onde já vivia  
Cinco lustros após o descobrimento  
Veio o português - Garcia  
Pelas bandas d'oeste rumo tomando  
As mesopotâmias interior vencera  
Na Serra de Maracaju se embrenhando  
Pisou firme solo fecundo da Vacaria  
Do gado nativo aí se abastecera

Com mais quatro camaradas e índios  
Paraguai subindo até a foz do Embotetei  
Hoje Miranda - o Porto Itatim fez nascer  
Seguiu por Lambaré<sup>II</sup> ao Império Inca  
Acendendo a luz do sertão e a dos Pincaros  
O selvagem quando voltava o faz perecer  
Gravando na história desta terra bravia  
Embora morto o vínculo da primazia

Outros Adelantados vieram com força de  
vez  
Pela mesma via : Cabeza de Vaca - o notável  
Pelo oeste Juan Ayolas de Lambaré  
fundador  
E Nuflo Chaves de Santa Cruz o criador  
Na União das Coroas de Espanha e Portugal  
Ruy Dias Melgarejo funda no imenso tribal  
À margem do Uacogo - o Aquidauana  
A cidade de Santiago de Xerez!

### CANTO III : O INTERIOR

#### 4. Santiago de Xerez

Acorda misteriosa Xerez Acorda  
Violenta o silêncio dos séculos  
Que encobre o sossegado pó

Do desassossegado tempo que te criou  
Ensina a cada índio a tua valentia  
Conta-nos a riqueza do teu existir  
Nas águas do Uacogo ou Embotetei<sup>III</sup>  
Ou nos belos ricos campos de Jaguary

Responde velha Xerez Responde  
Que grande enigma se esconde  
Na luta do colonizador vivido  
No tórrido sol de teus campos  
N'água tépida de teus banhados  
Às sombras cálidas das aroeiras  
Nas curvas lentas do caudaloso rio ou  
Nas arquipedras de teus morros santos  
Viva Santiago de Xerez Viva  
Revela-nos tua face de glórias idas

Tuas alegrias conquistas e tesouros  
Deixa que nos orgulhemos de ti  
Primeira cidade deste sertão d'Oeste  
Maior que o Rio de Janeiro de então  
Na era seiscentista criada  
Com o fundo veio d'ouro das jazidas

Responde lendária Xerez Responde  
Do fundo da terra que te encobriu  
Onde estão Escolas Igreja e moradias  
Dos quatro mil índios da Nação Chané

Pelo jesuíta audaz catequizados  
Os quinhentos europeus Respondam  
Por tudo quanto fizeram com fê

Em serena paz Sejam Louvados!

#### **CANTO IV - A CENTÚRIA SETECENTISTA**

##### **1. As Contendas**

Os ventos hórridos do violento deus Eolo  
Sopraram com ímpeto neste solo  
Entre índios se espalhando a fúria  
Dos Ibéricos que fizeram destes prados  
Seu campo de batalha para dominar  
A conquista da terra em fogo acendida  
Erguendo mais que a própria vida  
O troféu imponderável do poder

O caminho do Peabiru lacrará-o Thomé  
Em seu portal erguera Nóbrega glorioso  
O Paço do Colégio ousado  
Sinal de fé e de fim às contendas  
Pelo culto à vida por inteiro  
Fazendo crescer o espírito do guerreiro  
Na procura de outra era e nova via  
De penetração que fosse também a da  
salvação

O chão fértil e iracundo da Vacaria  
Fora substituído pela rota das águas  
Mesopotâmias fantásticas do Paraná e  
Paraguai  
De numerosas veias encachoeiradas  
Conduziram céleres o luso audaz  
Em suas pluris seculares canoas

Flutuantes entre a esperança e o receio  
De vencer ou morrer ante o florente ideal

#### **CANTO IV - A CENTÚRIA SETECENTISTA**

##### **2. O Protesto do Colonizador**

A Centúria Setecentista fora tão perversa  
Ao colonizador que por Vieira <sup>IV</sup>  
Do púlpito baiano disparou como trovão :  
"Parece-nos bem Senhor isto?  
Que sejam eles os prosperados  
E nós de vossas mãos os deixados  
Nós o despojo de vossa ira  
O exemplo de vossos rigores?"

Tempo de opressão terror grilhões  
Cingem não só o Oeste mas a Pátria  
E Vieira em famoso sermão protesta :  
Que devemos pedir mais necessário  
Senão que nos liberteis desta escravidão  
Não hei de pedir apenas pedindo  
- Protesto a Liberdade!  
"Que não pede favor senão Justiça!"

Vossa mão Senhor que venceu nações  
Que sujeitou as terras as gentes e reis  
Não co'a força do braço nem a espada  
Mas a virtude de vossa destra onipotente  
Vossa luz e supremo beneplácito  
Sejam o lume a nos tirar da escuridão  
Do abismo sem rumo quase perdido  
Desta infame guerra de Castela - ambição

Por esta flama altíssima iluminados  
Homens ergueram-se predestinados  
Em defesa da terra desfraldando  
Bandeiras impávidas impetuosas  
Que penetraram o sertão audaciosas  
Vingadoras dos sofridos confrontos vários  
Excluindo os algozes da Pátria humilhada  
Ao fazer esmorecer os contrários

#### **CANTO V - O BANDEIRISMO**

##### **1. Os Bandeirantes**

Bandeirante da minha pátria  
Ao desfraldares a bandeira de conquista  
Creste no horizonte de nossa grandeza

Na pista da proibidade paulista  
Posta na historiografia do Brasil

Bandeirante de nossa terra  
Forte rijo bravo descobridor  
De roteiros enigmáticos  
Com avanço de precisão  
Fizeste aflorar em todos os cantos  
Colonizadoras vias de penetração  
Com o índio explorando a riqueza  
Pagando co'a própria vida sua afoiteza

À decisão régia saíram as Bandeiras  
Afloraram no litoral as primeiras  
São Vicente Salvador Rio de Janeiro  
O futuro aos poucos foi nascendo  
Das passadas gigantescas e duras  
"Calções de couro" audazes criaturas  
Paulistas nascidos com sangue luso  
Correndo em mestiças veias mamelucas

Que sabemos dos homens das Bandeiras?  
Sobre-humanos predestinados  
Fundiram as raças como barra de ouro  
Os Lemes os Pires os Raposos  
Míticos lendários heróis do sertão  
Abriram o mapa voluntarioso  
De norte ao sul de leste ao oeste fundando  
No Cuiabá o nosso passado glorioso

## **CANTO V - O BANDEIRISMO**

### **2. O Monçoneiro**

Desde o Tietê até ao Cuiabá  
A força d'água pelo peito arrostando  
Itaipava corredeira ou cachoeira  
Vencera-as o Monçoneiro  
Bandeirante do rio doce valoroso  
Deus das águas o ouro buscara  
Coração enfunado pelo ar fogueiro  
Da exuberância da terra se alimentara

Vadeando pelos rios afora  
Sem quilha sem leme sem vela  
O frágil casco de pau flutuando  
No Jupuíá mão forte nos remos  
Pra transpor dos redemoinhos o terror  
Lá de cima dentro de si mesmo caindo  
O salto Avanhandava majestoso  
Explode d'água a terra sacudindo

À maneira de um gigante que respira  
O sorvedouro central se agita  
Ora atrai as águas ora as vomita  
Ondas semelhantes as do mar  
Se levantam sôfregas violentas iradas  
Tentando a embarcação derrubar  
O Proeiro comanda no compasso  
Dez remadores na força do braço

Sucedem-se duzentas manhãs sem temor  
Tietê acima Paraná abaixo com fragor  
Anhanduy Pardo dos fenícios a arte  
repetindo  
De contemplar todas as estrelas no céu do  
Coxim Taquari Paraguai subindo  
São Lourenço Cuiabá chegando  
Eis a nova rota d'ouro se esboçando  
No mapa por Pascoal Moreira Cabral  
Leme

## **CANTO V : O BANDEIRISMO**

### **3. Descoberta d'ouro do Cuiabá**

Festivo dia oito de abril de 1719  
Conta Manoel dos Santos Coimbra<sup>v</sup> - o  
escrivão  
Brindaram os deuses aclamando Pascoal  
Que seis anos pelo sertão andara  
No Real Serviço de Colonizar  
Do Tietê ao Paraná do Paraguai ao Guairá

Ao fim de cento e vinte dias a navegar  
Descobre ouro e funda Cuiabá

"Descobri nas cabeceiras do Cuiabá  
Um ribeiro chamado Coxipó  
Com muitos dotes d'ouro" dissera Pascoal  
Ali sentamos acampamento com ardor  
Os sessenta homens brancos e escravos  
N'águas cristalinas reluzira o metal  
Fazendo tremer de vida toda a Monção  
O reino do gentio vibrou de pura emoção

Ao longe um monte redondo de luz  
O sol as estrelas brilhando nos céus  
Nas palmáceas o trinado do sabiá

A Verde Cidade - Cuiabá nascera  
Pascoal solene por Coimbra lavrando  
Ata de Fundação assinada co'os  
companheiros  
Os Moreira os Roiz Garcia Velho os  
Ferreira  
Os Ribeiro os Godoi Pedroso e os  
Mendonça

Vênus presidira com luz azul tal estação  
Em melancólico sorriso que a  
Marteencantara  
Ali na forquilha do Cuiabá em berço d'ouro  
Os sonhos de corajosos homens embalara  
Com tanto brilho que as lavras lhes deram  
Quando surgiu Miguel Subtil vindo do reino  
Sentando morada mais acima na atual urbes  
Mais ouro que mel o nativo lhe revelara

## CANTO VI - O CICLO DO OURO

### 1. O Sertão e o Primeiro Governo

O mágico sertão é um paraíso em flor  
Estrelas todas e o luar ali cintilam  
Raios de sol aquecem a imponência do dia  
Pelas chapadas e planícies velozes  
Bandos de emas veados macacos  
Turbulentas araras mil pássaros em cor  
Quebram o silêncio tingindo de púrpura  
O azul do céu refletido nos rios e pantanais

A riqueza é paixão que atrai o homem  
Quais peixes em piracema<sup>IV</sup> subindo  
Vão chegando com as Monções  
Trazendo gente aos borbotões  
O militar o padre o juiz o explorador  
Cada qual em seu reino reinando  
Fecundam a terra e nela erguem morada  
Cuiabá se agita no berço dourado

Reinava em Portugal D. José I  
O Reformador- que nos manda  
Rolim de Moura - primeiro governador  
Viera com elã e o agulhão na mão  
A ver os limites da Província colossal  
Assentando os rumos e as distâncias  
Até o Guaporé ali fundando Vila Bela  
De Mato Grosso a longinqua capital

D. Rolim - Conde de Azambuja - grande  
fidalgo  
Pelos cumes das serras e álveos dos rios  
Vai fixando limites e direção elegendo  
Olhando não só para o presente  
Mas o futuro grandioso prenunciando  
Ao devassar com fé Mato Grosso inteiro  
Despovoado e incógnito até então

Primeira Igreja em Vila Bela foi erguendo

## CANTO VI : O CICLO DO OURO

### 2. Época Áurea Albuquerqueina

Canto o soberbo Midas - deus do ouro  
E à memória de Luis d' Albuquerque  
Messiânico nobre-lusitano da Beira Alta  
Capa Preta em Coimbra  
Ao sertão enviado para instruir as gentes  
E às lavras brilhar  
Com gênio um sonho fez construir  
E as raias do gigante Mato Grosso - unificar

Fala Luso-Tropical: tua voz é de ouro  
Viveste tua vida neste sertão  
Refinada cultura européia cá deixaste  
Ouro espiritual dos mato-grossenses  
És herói de batalha sem nome  
Introduziste no espírito do homem  
O medalhão apurado da lingua costumes e  
arte  
E o carisma da crença lusitana

Corumbá Ladário Cáceres e Poconé  
mandou fundar  
Pelo Mestre de Campo General  
Patrono dos Figueiredo - Antonio José  
Erguendo no extremo norte - O Príncipe da  
Beira  
Marco de glórias às margens do Guaporé  
E nas belicosas curvas mansas do rio  
Paraguai  
O inexpugnável monumento do século  
d'ouro - Muralhas de Coimbra - de imensa  
audácia e Fé

O faustoso tempo Albuquerqueino formou  
Com bravura o mato-grossense genuíno  
Fruto da união do pacificado e guapo  
Guaicuru  
Esta brava gente da planície infinda do  
Pantanal  
Que ao heróico bandeirante monçoneiro se  
aliou  
Plasmando-se a identidade das gentes  
E o sol da graça de Deus a iluminar os  
Confins  
Do Xaraé à Vacaria do Xingu ao Guaporé...

## CANTO VII - A DEFESA DA TERRA

### 2. Forte de Coimbra : Monumento à Brasilidade da Terra Mato-grossense

#### I

Celebrado o dia o Rio Majestoso trazia  
A Ilha do Coração em seu meio festejada  
Lua redonda de espanto de arco-iris  
tingindo  
Suas formosas águas quando ao pé do  
Morro chegava  
Mathias Ribeiro - fundador daquela  
bastilha  
O Guaicuru audaz que servira-o de guia  
Dissera-lhe que ali devia seu mandado  
cumprir  
E não no Fecho dos Morros que outro não  
havia

Sentinela avançada da fronteira Oeste  
O bi-secular Forte - orgulho brasileiro  
História consagrada da resistência colossal  
Do gigante mato-grossense colonial  
A terra de telurismo em meandros sinuosos  
Recortando nas águas belicosas do rio  
Paraguai  
Trepidantes episódios vai a descrever  
A cada novo raiar nova conquista alcançar

Naquela vastidão imensa da planície  
pantaneira  
Domínio pré-histórico do poderoso  
Guaicuru  
Intransigente suas terras iradas sacudiam  
Enganando o indômito colonizador  
monçoneiro  
Que capitulou diante de mordaz armadilha  
De sagazes índias a aqueles homens  
Por elas seduzidos para serem vencidos  
No cenário da paliçada do Presidium<sup>vii</sup> de  
Coimbra

Mas a coragem e o ideal do Colonizador  
não fenecem  
Por vezes quer desanimar mas vai em  
frente  
O Guaicuru seja homem ou mulher luta  
bravamente  
No confronto daquelas forças dispare  
porém sagradas  
Uns defendendo senhoriais terras  
Outros no mister de vencer com  
humanidade as gentes  
Do Novo Mundo tão fero e esperançoso  
Quão belo e esplendente sua natureza virgem

## Notas

\* Diretora Presidente da Casa da Memória "Arnaldo Estevão de Figueiredo, com sede em Campo Grande (MS), instituição que abriga, preserva e organiza fontes documentais de suma importância para a História de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, além de conter o acervo pessoal do Patrono da Casa, o mato-grossense, Arnaldo Estevão de Figueiredo.

<sup>i</sup> - Adamastor - Gigante dos Mares - figura mítica camoniana - Canto V Lusíadas

<sup>ii</sup> - Lambaré Assunção - Capital do Paraguai

<sup>iii</sup> - Jaguary - Llânos de Jaguary, como os espanhóis chamavam a região da Vacaria, hoje Município de Maracaju, MS

<sup>iv</sup> - Vieira, Padre Antonio Vieira - nascido em Lisboa/Portugal. Sacerdote de muitos méritos espirituais, e um dos maiores escritores e oradores sacros da língua portuguesa. Trecho extraído do sermão "Pelo bom sucesso das armas de Portugal" (1640), considerado um dos mais veementes e extraordinário que se tem ouvido em púlpito cristão.

<sup>v</sup> - Manoel dos Santos Coimbra - Ancestral desta autora, por ser o pai de Isabel Nobre Pereira, que casou-se em Araraitaguaba, hoje Porto Feliz - SP, com Antônio José Pinto de Figueiredo, patronos da frondosa árvore dos Figueiredo em Mato Grosso.

<sup>vi</sup> - Piracema subida do peixe nos rios do Pantanal para as vertentes em busca da desova.

<sup>vii</sup> - Presidium - Nome com o qual foi fundada a fortificação de Coimbra, em 13 de setembro de 1775.